Ano XXIII — Lisboa, Novembro de 1967 — N.º 271

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO — I

CRISE DA JUVENTUDE

Por EDUARDO RIBEIRO

A existência de grave crise da juventude é facto que hoje se aceita sem qualquer dúvida. Entende-se que a juventude está completamente transviada e perdida para uma actividade útil. Não nos parece, contudo, que tais conclusões possam ser aceites com tanta simplicidade, pelo que reputamos indispensável, pelo menos para aqueles que tenham responsabilidades educativas, o estudo atento de tão actual problema. Recordamo-nos de que o ilustre educador Prof. Dr. Mário Gonçalves Viana, ao iniciar há anos uma conferência, prevenia prudentemente: «Quem cumpre a alta missão de educar tem, necessàriamente, de pensar a sério no problema da educação. Ninguém pode realizar obra alguma profícua, sem ter ideias nítidas acerca daquilo que pretende realizar. Se, porventura, as ideias forem vagas e confusas, tudo quanto se fizer com base nelas será obra manifestamente desordenada e vacilante». São exactamente esta judiciosas razões que justificam o nosso interesse pelo estudo de um problema tão importante quanto complexo. Notemos que até os termos empregados para o referir são ambíguos e mal definidos. É o caso de *juventude*. Que se entende por juventude? Quando principia e quando termina esse período da vida?

Lembramo-nos, por exemplo, de que nas referências feitas ao malogrado Presidente Kennedy era vulgar referir o *jovem presidente* e atribuir à *sua juventude* a natureza dos seus actos. No entanto, a idade de Kennedy tinha ultrapassado os 40 anos. Em contrapartida, um jogador de futebol, quando ainda mal conta 30 anos de idade, já é considerado *velho*.

Parece assim que o conceito de juventude é impreciso e sofre ampliação consoante as funções exercidas, especialmente se estas forem habitualmente desempenhadas por pessoas de mais idade. Mesmo abdicando destes casos extremos, temos de reconhecer que é difícil estabelecer um limite para esta fase da vida, limite sujeito a oscilações em relação às circunstâncias e aos indivíduos. De igual forma, o termo juventude não nos dá indicação precisa acerca do começo desta idade. A juventude segue-se à adolescência. Mas em que idade termina a adolescência? Aos 17 ou 18 anos? Aos 21 anos? As opiniões divergem. Não há possibilidade de estabelecer escalões rígidos porque diferem segundo o sexo, a raça, a classe social e consequente maneira de viver, e ainda de indivíduo para indivíduo. Necessàriamente, se um rapaz começa a trabalhar aos 14 anos de idade e cerca dos 20 se encontra casado, alcança mais cedo a maturidade do que outro que prolonga a vida escolar até depois dessa idade.

Não nos deteremos neste pormenor porque quisemos apenas evidenciar a sua complexidade. No entanto, para os problemas emergentes da chamada crise da juventude, iremos atrás do vulgar e aceitaremos como idade juvenil os anos que se estendem dos 15 aos 27 anos, embora admitindo a pouca

Continua na pág. 6

UMA CAMPANHA PARA NOVAS ASSINATURAS!

Quem deseja cooperar?

Fomos procurados por um Chefe Escoteiro que nos trouxe uma lista de novas assinaturas para «Sempre Pronto». E disse-nos: — Parece impossível, mas muitos Escoteiros ignoram a existência do nosso jornal. É uma revelação quando lhe falamos de «Sempre Pronto».

«Ora esta situação não deve persistir. Cada Chefe deve fazer um esforço para que os Escoteiros, suas famílias e outras pessoas interessadas no Escotismo assinem o jornal. Tomei eu próprio a iniciativa de começar esta campanha e aqui venho entregar as primeiras assinaturas angariadas. Apelo agora para os meus camaradas para que secundem a minha iniciativa e consigam pelo menos igual número de assinantes».

Foram os seguintes os assinantes propostos, senhores

Fernando Eduardo Lima Costa, do Grupo n.º 9; Eduardo Manuel Fernando Miragaia, do Grupo n.º 8; José Manuel Ferreira Galante, do Grupo n.º 8; Rui da Assunção Dinis e Afonso António.

Aqui fica o simpático apelo. «Sempre Pronto» precisa realmente de uma campanha desta natureza. Quem vai ajudar?

O inquérito do «Sempre Pronto» acerca da situação dos Escoteiros de Portugal

Algumas sugestões apresentadas

ESTUDO DO ESCOTISMO *É necessário que a Chefia-Geral se muna de uma equipa de pessoas qualificadas que possam estudar o processo da aplicação do escotismo na actualidade para que na sequência desses estudos surjam programas de trabalho convenientemente adaptados ao rapaz de hoje. — A. G. I.*

(...) o que se impõe, em primeiro lugar, é estudar uma forma de adaptação inteligente do Escotismo ao temperamento da juventude portuguesa...

(...) O objectivo que o Escotismo deve ter em vista deve ser exactamente este: Conseguir, paulatim sed firmiter, corrigir esses defeitos nos jovens que se lhe entregam com entusiasmo para que esses jovens, futuros pais, possam já educar seus filhos dentro dos princípios que lhes incutiu o Movimento, que venha a concluir pela modificação do carácter dos Portugueses no que ele tem de mau e deles tem feito indisciplinados, derrotistas e exaltados, com intervalos de profundo desânimo. — A. A. D.

LOBITISMO *Que se estimulasse a criação imediata de Alcateias, em todos os Grupos e fora deles, fazendo-se mesmo propaganda do assunto, porque sendo*

Continua na pág. 6

OS LUENAS

(Extraído de elementos colhidos pelo B. Caç. 477)

NASCIMENTO E INFANCIA

Dada a precocidade do casamento, a rapariga luena, por via de regra, atinge a maternidade muito cedo ainda, pouco mais do que adolescente. Quando ela engravida pela primeira vez, ninguém se pode referir a esse facto antes que uma avó ou tia tenha confirmado tal estado, sob pena de ser considerado culpado de qualquer «desarranjo» que depois apareça; a partir do momento em que a gravidez se torna perfeitamente notada, o marido leva a mulher a casa dos pais dela para comunicar o acontecimento; aí, uma parente confirma-lhe o diagnóstico e indica-lhe «os tabus» que tem de observar daí em diante, para que tudo decorra da melhor maneira e o parto se realize sem dificuldades.

É por isso que a mulher grávida não pode comer nada em andamento nem em pé, não pode chorar a não ser que morra alguém da família e mesmo assim não o pode fazer em altos gritos; não pode subir às árvores nem comer as sobras de pirão do próprio marido ou os restos que aderem à espátula ou à panela; se pensar em fazer determinada coisa tem mesmo que a fazer e não pode voltar atrás quando vai para qualquer sítio (por isso se não deve chamar uma mulher grávida que siga o seu caminho).

Também não pode visitar qualquer outra parturiente no dia do parto, pois isso acarretaria dificuldades quando chegasse a sua vez, e não pode dormir de dia, pois a criança adormeceria por ocasião do parto e recusar-se-ia a sair. Não pode ajudar a levantar cargas nem pode acompanhar ninguém ou transportar-lhe essas mesmas cargas.

É crença entre os luenas que interrupção do sono das grávidas origina defeito no desenvolvimento do feto (é por isso que as crianças nascem por vezes imperfeitas!) e a partir do momento em que a mulher concebe, a mãe dela, mesmo que seja ainda nova, não pode voltar a procriar.

Todos os meses e numa noite em que a lua nova esteja bem patente uma parente faz «kusengula» à grávida: mastiga folhas de «nuvangwa» com «pemba» (1) e cospe-lhe no umbigo, peito, costas e rins, para que a criança nasça bonita e forte.

Durante a gravidez, e para que esta decorra bem, a mulher bebe todas as manhãs um certo remédio que o marido encomenda a um «chimbanda» (2); este é também consultado sempre que aparecem os incómodos próprios da situação, e é ele que fabrica os remédios que a paciente há-de tomar; por vezes o feiticeiro ordena que a mulher entre para o «chipango»: isso acontece especialmente quando os seus recém-nascidos costumam morrer e também quando as crianças adoecem com muita frequência, sendo, no entanto, a circunstância mais vulgar que condiciona essa ida, o facto do casal não ter filhos — a mulher vai para lá para se curar da esterilidade.

O chipango é um abrigo encostado à residência, com um cercado de capim em semicírculo, para onde a mulher vai ao anoitecer, só podendo sair no dia seguinte quando o sol já for alto. À entrada fica colocada a «Mahamba mboma» (3) que o feiticeiro mandou modelar em barro. Na noite em que a mulher entra para o chipango, as mulheres dançam todas, inclusive a paciente, à volta dum chipango em miniatura construído pelo chimbanda — é a dança das Mahamba.

No cercado só podem entrar pessoas de família e vestidas ùnicamente com um pano cru; é aí que a mulher cozinha as suas refeições, tendo o marido que ir dormir e comer com ela e não pode chamar ninguém lá de dentro em linguagem normal: ou assobia ou bate com um pau, só lá podendo entrar e sair com a cabeça coberta. Quando sai durante o dia, não pode cruzar-se com pessoas que tenham comido peixe e por isso ela evita todos os encontros; o próprio marido, no dia em que comer peixe, não pode ir lá dormir com ela.

Por esta Angola tão grande

A mulher só abandona o chipango quando a criança sair lá de dentro pelos seus próprios meios, e nesse dia realiza-se uma grande festa, na qual ela dança como principal figurante. As crianças nascidas nestas condições é costume dar nomes especiais, como «KAWI», «MUSSALA», «MUSSOLE», «CHIPANGO», etc.

Por ocasião do parto a mulher senta-se no chão, completamente nua e encostada à beira da cama; uma «parteira» ajuda-a no trabalho e tem o cuidado de aplicar o dedo grande do pé, enrolado num trapo, no ânus da paciente... não vá a criança querer nascer por aí! O cordão umbilical só é cortado depois da placenta sair e a criança começar a chorar, e é enterrado perto, juntamente com as secundinas e a pouca profundidade, quando não, a mulher não voltaria a ter filhos; se a criança ri no dia do nascimento é um sinal de mau agouro, pois poderá morrer alguém da família.

Quando o parto se apresenta difícil, é costume atribuir o facto a infidelidade da parturiente, a qual é obrigada a indicar o nome do amante; este é avisado e manda, por uma mulher da família, um farrapo das calças, donde é extraído um fio de tecido que mergulham num pouco de água que a grávida bèbe; depois, a enviada sopra-lhe «pemba» no peito ao mesmo tempo que ela diz «nasce depressa, filho». Nesses casos costumam dizer que a criança está zangada por ter duas costas ou duas armas, isto é, por ter dois pais.

Outras vezes ainda, atribuem a dificuldade do parto a discussões tidas pelo casal durante o período de gravidez, e então os cônjuges são obrigados a declarar nessa ocasião que as discórdias se referiam ùnicamente a eles e a criança nada tem a ver com o caso.

A parteira acompanha a criança durante os primeiros dias e recebe sempre uma paga pelos seus serviços; também os objectos que servem à criança passam a ser propriedade da parteira, e esta e a pessoa que lhe puser o nome são considerados seus amigos de sangue.

É a parteira que no dia do parto constrói uma cama com ramos de «muvangwa» que mais ninguém pode utilizar, e onde a mulher e o filho dormem até ao dia em que caem os últimos restos de cordão umbilical; por essa ocasião, o pai substitui-a por outra de ramos de «nuulya» e a partir dessa data, a mulher pode começar a lidar com o fogo, coisa que lhe estava proibida. Nessa noite passa a dormir novamente com o marido na cama do casal, juntamente com a criança.

Também logo após a queda do cordão a criança começa a ser transportada às costas da mãe, que, no caso de ser o primeiro filho, tem de ser «ensinada» pela parteira.

Quando a criança começa a andar o pai oferece-lhe um pano que a mulher vai mostrar à família em nome do filho e só a partir dessa data é que ele pode passar a ir ao Kwimbo dos avós maternos; a primeira palavra que a criança deve pronunciar é «tata» (meu pai), pois se dissesse primeiro «mama» (minha mãe), causaria a morte desta ou de um dos avós.

O período de amamentação é longo, podendo dizer-se que dura até quando a mulher tenha leite, e não é raro verem-se crianças já crescidas interromper as suas brincadeiras para irem mamar no seio da mãe; durante esta época ela leva quase sempre o filho às costas para onde quer que vá, e assim começam as crian-

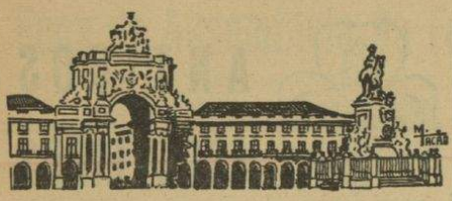
---

(1) A **«Pemba»** é uma espécie de argila que existe na região.

(2) Os **«Chimbanda»** são os feiticeiros bons, os curandeiros; existem ainda os feiticeiros maus, denominados «Muloji».

(3) As **«Mahamba»** são os espíritos dos antepassados, existindo uma grande variedade (Chicula, Chisola, Chitacai, Casomu, Caiongo, Culo, Samucanda, Tucula, Macula, etc.) e tendo cada uma delas uma representação característica; a «mahamba mboma» é representada sob a forma de uma cobra.

Continua na pág. 5



O ESCOTISMO NA CAPITAL

Terminou o Curso para preparação de guias de patrulha

Em 29 de Outubro p. p., realizou-se, na Sede dos Serviços Centrais (Cais do Sodré), a Sessão de encerramento do Curso para preparação de guias de patrulha, organizado pela Divisão de Formação e Treino (Escola de Chefes), o qual vinha decorrendo desde fins de Maio passado.

O curso despertou bastante interesse, tendo-se verificado 48 inscrições, número com que se realizou a primeira actividade, porém, apenas 18 participantes mantiveram o seu entusiasmo até ao fim, alguns dos quais com bastante aproveitamento, assinale-se.

Realizaram-se 6 actividades, sendo 3 acampamentos de fim de semana, duas reuniões de sede e uma reunião no exterior.

A orientação das actividades esteve entregue ao chefe I. M. Mário Leite, tendo colaborado na realização das mesmas o D. C. C. Eng.º Nobre Santos, o chefe I. M. Armando Morais e os chefes Armando Inácio e João Constantino.

Dada a natureza do referido curso, aberto não só aos guias de patrulha mas a todos os escoteiros e, ainda, a caminheiros ou estranhos ao escotismo, certamente que não houve intuitos qualificativos. Todavia, as provas dos participantes finalistas estão a ser apreciadas pelos dirigentes do curso, esperando «Sempre Pronto» poder distinguir os mais aplicados com a publicação em próximos números de alguns dos seus trabalhos.

Do Entroncamento

Grupo n.º 84

Este Grupo continua a realizar um interessante trabalho de rejuvenescimento dos seus quadros, aproveitando os novos elementos que têm reforçado as suas fileiras.

Para encerramento das actividades de verão, realizou-se, nos dias 30 de Setembro e 1 de Outubro, um acampamento na quinta da Ponte da Pedra. Entre os vários exercícios realizados destacaram-se diversos jogos efectuados e o seguimento de uma pista escoteira através do mato, para preparação dos novos aspirantes.

No dia 8 de Dezembro próximo, realiza-se a festa de aniversário do Grupo, com a promessa dos novos escoteiros.

C.

"Diário de Lisboa"

Por terem pedido a demissão, os Srs. Drs. Norberto Lopes e Mário Neves deixaram os seus cargos respectivamente de Director e de Director-Adjunto do «Diário de Lisboa».

Com a saída destes conceituados jornalistas, perde o importante jornal lisboeta dois dos seus mais antigos, e também mais prestigiosos, colaboradores, visto que o Sr. Dr. Norberto Lopes trabalhava ali há 46 anos, ou seja desde a fundação do jornal, e o Sr. Dr. Mário Neves há 36.

Ainda recentemente o Sr. Dr. Norberto Lopes fora alvo de uma significativa homenagem ao ser-lhe atribuído, pelo Sindicato Nacional dos Jornalistas, o seu *crachat* de ouro, distinção que até àquela altura só fora concedida a três jornalistas, por ser considerada o maior galardão da classe e, portanto, reservada a jornalistas de comprovada categoria e inteireza profissionais.

Assumiu as funções de director deste jornal, o Sr. Dr. António Pedro Ruella Ramos, a quem desejamos felicidades no desempenho do seu cargo.



PROF. LUIS REIS SANTOS

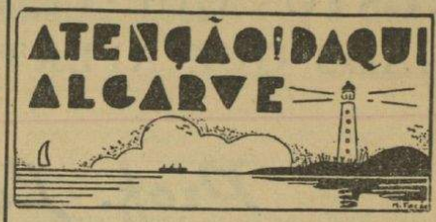
Vítima de um brutal desastre de viação ocorrido em Outubro passado, faleceu este nosso estimado amigo, que foi membro do Grupo n.º 3 dos Escoteiros de Portugal, do Liceu Pedro Nunes.

O Prof. Reis Santos era membro da Academia Nacional de Belas Artes, professor da Faculdade de Letras de Coimbra e Director do Museu Nacional Machado de Castro, sendo um dos mais competentes peritos de Arte do nosso país. Por ocasião do encontro de Antigos Escoteiros de 23 de Abril passado, tivemos ocasião de apreciar a lucidez do seu espírito através das considerações tecidas sobre os ideais escoteiros.

Sempre Pronto apresenta condolências muito sentidas à família enlutada.

GLAD BINCHAM

Em 6 de Setembro passado, faleceu este activo dirigente do Escotismo Britânico, que durante muitos anos foi Comissário Internacional do Escotismo da Grã-Bretanha e nessa qualidade tomou parte em Conferências realizadas em Portugal. Era actualmente «Chief Scouts Comissioner» e tinha sido condecorado em 1957 com o «Bronze Wolf».



Acampamento dos Grupos Algarvios na Fuseta

A fim de proporcionar o contacto com o movimento escotista a alguns rapazes do lugar da Fuseta, dado o interesse que anteriormente haviam manifestado, efectuou-se nos dias 7 e 8 de Outubro último, no estádio de Fausto Pinheiro, nesta risonha povoação algarvia, um acampamento, em que tomaram parte algumas dezenas de escoteiros em representação dos grupos n.ºs 6, de Olhão, 60, de Vila Real de Santo António, e 77, de Faro, tendo sido nomeado chefe de campo o E. C. João Trigueiros.

Na noite de sábado, realizou-se o fogo de conselho, com a presença de várias entidades oficiais, tendo o chefe Trigueiros dissertado sobre o método escotista.

No domingo, foram levadas a cabo diversas actividades de campo. As 15 horas, os escoteiros desfilaram pelas ruas da Fuseta, após o que o público visitou o acampamento, cujos subcampos tinham sido ornamentados pelos escoteiros.

Foram realizados jogos de observação, transmissões, primeiros socorros, etc. O antigo escuta Sr. João Leal proferiu algumas palavras sobre o valor educativo do escotismo, findas as quais lhe foi entregue o distintivo da A E P pelo chefe Trigueiros.

O guia da patrulha Lobo, do grupo 60, João Manuel Camarada Veia, recebeu os troféus que a patrulha ganhou no Concurso Patrulhas-Piloto de 1966, por ter alcançado a 3.ª classificação.

O E. C. José Manuel Pereira dirigiu a cerimónia do compromisso de honra de 5 aspirantes do grupo 6, após o que o E. C. Trigueiros encerrou o acto, fazendo votos de que a Fuseta tenha em breve o seu grupo de escoteiros.

O acampamento terminou com o arrear das bandeiras e a entoação dos hinos Nacional e da A E P.

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

De luto — Em 6 do corrente, faleceu em Vila Real de Santo António o Sr. Aurélio Mendes. O extinto era pai das Sr.as D. Elisabeth Mendes Tacão Monteiro, D. Aurélia M. Felício e D. Maria Adelina M. Monteiro, antigas guias da Divisão Aux. Feminina, sendo a primeira casada com o nosso estimado colaborador Manuel Tacão Monteiro, antigo dirigente dos Grupos 60 e 94; e a última casada com o Sr. Vicente Tacão Monteiro, também antigo escoteiro do «60». Era também avô dos escoteiros do «94» Daniel e Jorge Tacão Monteiro.

À família em crepes, **Sempre Pronto** apresenta sentidas condolências.

ROSTOS QUE VI, MÃOS QUE APERTEI

Prof. Luís Reis Santos

Cap. Augusto Casimiro

Seja-me perdoado que traga para aqui uma das pequeninas crónicas, feitas de recordações, que por vários outros lugares tenho dispersado, no desejo de comunicar, desejo tão necessário de realizar nos tempos que vão correndo, tempos estranhos e de estranhos factos e seres. Andamos todos tão envolvidos num meio onde os valores materiais avultam em demasia, que quase se evolam ou enublam os valores morais, afinal os que hão-de persistir, os que dão verdadeiro calor à vida.

Aqueçamo-nos um pouco, um pouco ao menos, leitor amigo, apesar da algidez da notícia que vos venho recordar.

Morreu Reis Santos! A notícia, de chofre, arrancou-me logo esta exclamação: Portugal ficou mais pobre. Portugal que ele amou, revivendo o seu passado para ajudar a construir e adornar o futuro.

Recordo-o naquela tertúlia em que estivemos no «Águia de Ouro», ele com a sua permanente juventude agora justamente amadurecida, o seu entusiasmo sadio e comunicativo; nós encantados com o Irmão Escoteiro que se não dedignava em estar connosco, antigos escoteiros como ele, a ouvir-nos e principalmente a falar-nos, incutindo novo vigor à nossa acção, nova claridade ao nosso horizonte.

Como é dolorosa uma despedida sem preparo prévio! Mas como ela nos ensina a valorizarmos o momento que temos, a unirmo-nos para nos aquecermos, a reunir esforços para obter êxitos!

Que direi aqui do Homem que não haja sido já dito na grande Imprensa? Sòmente resta acrescentar que a sua grandeza foi acrescida pela lhaneza do contacto. Não necessitava, para viver a sua vida generosa de Artista, de Crítico, de Historiador, do Homem leal, de estabelecer distâncias conselheirais, das que Eça nos trouxe para tão próximo. Distâncias de artifício que a vida anula.

Que a memória dele è a lição que nos deu nos aqueça, já que a perda nos afligiu sem remédio para as nossas esperanças.

*

Poucas semanas antes sofrera outra perda, no Amigo que foi Augusto Casimiro, Poeta de sempre e erudito sagaz, com crítica muito pessoal, aguda e documentada. Com ele convivi, já lá vão tantos anos! na pérola esquecida de tantos e por mim sempre amada, a Ilha Brava.

Também a grande Imprensa disse quem ele era, pois é na morte que mais se usam as flores e os adjectivos. Que direi mais?

Tenho diante de mim a sua última carta, datada do Monte da Caparica, há precisamente um ano. Fala-me aí do rei do Congo, João Lengo, o Pedro VII que ambos conhecemos no seu labiríntico paço. E a propósito dum artigo meu sobre o saboroso termo galego «enxebre» diz-me com enlevo: «Por meu pai sou galego. Ele era descendente dos Magalhães de Vigo, depois de Paço-Vedro, que no princípio se passaram ao Aquém-Minho, ligando-se aos Monizes de Riba-Douro. Minha Mãe era galega. Embalou-me cantando versos de Rosalia e de Curros Henriques. Ano em que não vou à Galiza é um ano perdido».

Portugal e a irmã Galiza perderam-no. Que saudade me fazem estas confidências, estas recordações, que ainda me nutrem e animam! A Arte, a História, a Poesia, a Galiza, a Saudade Portuguesa, tudo...

Bem. Vamos viver, amigos.

Eduardo Moreira

INTERCÂMBIO EPISTOLAR ESCOTISTA

Escoteiros estrangeiros que desejam corresponder-se com escoteiros do nosso País:

— Jesus Fernando Sancho
C/ Treviana, 3-3.° C — Parque de S. Juan Batista — Madrid 17 (Espanha).

— José Varela Cachaza
C/ Insua, 48 bajo — El Ferrol del Caudillo (Espanha).

— Carola del Carme Bazán
Apt. 1832 — Zona postal n.° 1 — Cidade de Panamá (Panamá).

ANTIGOS ESCOTEIROS

Uma saudação de Escoteiros Adultos Austríacos

Na nossa Redacção foi recebida a seguinte saudação datada de 28 de Outubro passado e subscrita por 43 assinaturas, entre as quais se contam a do Professor Franz Merse, presidente da Fraternal Austríaca, e do Dr. Roger Kerber, recentemente eleito para o Conselho Directivo da Fraternal Internacional.

Os membros da Fraternal dos Antigos Escoteiros de BADEN, perto de Viena, reunidos esta tarde endereçam a vós pessoalmente assim como à vossa Fraternal a sua recordação fraternal por ocasião do Dia da Amizade.

Esta mensagem vai ter a merecida retribuição no dia 23 do corrente, data do encontro de Tertúlia dos Antigos Escoteiros de Lisboa, na Rua de S. Paulo, n.° 170.

Reuniões da Tertúlia

Têm prosseguido com toda a regularidade as reuniões de tertúlia dos membros da nossa Fraternal que, como é já tradicional, se encontram para jantar no dia 23 de cada mês, num restaurante na morada acima referida.

Em 23 de Setembro, foi aproveitada a reunião para ser lido o Relatório da nossa Delegação à Assembleia Geral de Antigos Escoteiros e Guias, que reuniu em Durham, Inglaterra, em Julho passado.

Este documento proporcionou ensejo para interessante troca de impressões acerca da actividade da nossa Fraternal.

Dia da Amizade

A reunião de Outubro da tertúlia foi transferida para o dia 25, a fim de comemorar o Dia da Amizade, que se comemora em todos os países membros da Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Antigas Guias, data do aniversário da fundação desta federação.

O nosso encontro, que teve a concorrência de diversos Antigos Escoteiros e suas esposas, serviu também de oportunidade para que o Escoteiro Rui Horácio Filipe de Macedo desse a conhecer pormenores da sua participação no recente Jambori Mundial, tendo exposto diversas insígnias e recordações que dali trouxe, bem como postais ilustrados e ainda um pequeno mas interessante filme sobre aquele importante acontecimento do mundo escoteiro.

Ecos da Assembleia da Fraternal Internacional dos Antigos Escoteiros e Guias

Porque nos parece de muito interesse para todos os Antigos Escoteiros transcrevemos um trecho do Relatório da Delegação Portuguesa à Assembleia de Durham, Inglaterra, que oferecemos à meditação dos nossos estimados Leitores.

Uma coisa, porém, se tornou evidente através destes importantes trabalhos: É que as Fraternais dos diferentes países vivem voltadas para o futuro e existem para proporcionar aos seus membros oportunidades de realizar o ideal de **Servir**, o ideal escoteiro que os inspirou na mocidade. Muitos deles nem sequer usam o termo «Antigo Escoteiro», mas sim «Escoteiro Adulto», não se trata de alguém **que foi** mas sim de **quem** é escoteiro. Portanto, estas associações ou, melhor, estes Movimentos não se promovem para recordar *tempos passados*, mas para no momento presente fazer alguma coisa para fomentar amizade e boa compreensão, nacional e internacionalmente, levando ajuda ao movimento escoteiro da mocidade, estimulando-o, e ao mesmo tempo exercendo influência poderosa na sociedade dos nossos dias.

A Federação das Associações de Antigos Escoteiros de França escreve numa publicação que distribuiu durante a Assembleia:

«Há muito tempo, felizmente, que os agrupamentos de antigos — na maior parte — reconheceram a inutilidade da fórmula a que chamaremos 'Amicale régimentaire' onde se evoca, durante todo o encontro, as lembranças dos bons velhos tempos, sem levar a nada de construtivo; é a condenação a uma morte lenta, mas certa, das fraternais de antigos escoteiros».

E mais adiante:

«...está provado que é ùnicamente **servindo** que os nossos agrupamentos de antigos conservarão uma verdadeira razão de existir».

«Muito interessantes experiências têm sido realizadas pelos 'antigos' e continuam a ser, no plano social e no de entreajuda: Numerosos agrupamentos de antigos têm-se consagrado aos deficientes físicos, escoteiros e não escoteiros, que têm tomado ao seu cuidado, ajudados pelos escoteiros mais velhos; e constituíram, como em França, associações independentes, que têm beneficiado do reconhecimento de utilidade pública».

E mais adiante ainda:

«Os agrupamentos de antigos escoteiros não subsistirão senão na medida em que mantenham o ideal de **servir**; quer se trate de serviços aos Movimentos, ou de serviços a outros, jovens ou menos jovens».

Chamamos particularmente a atenção para «Les Tisons», organização dos antigos membros do Escotismo Unionista Francês, que acabam de erguer um edifício a 10 milhas de Paris, onde instalaram o Centro Educacional de «Saint-Prix» (Vale de Oise), cujo fim é proporcionar treino para quaisquer dirigentes de grupos de juventude, efectuado durante fins de semana, com formação de chefes de acampamento, etc.

A Fraternal italiana dá conta da influência que tem procurado levar a diversas organizações sociais e internacionais.

A Fraternal austríaca informa que está promovendo uma grande campanha nacional contra os brinquedos de guerra.

A «Liga de S. Jorge da Suíça», a fraternal de antigos escoteiros, dá também interessante notícia do auxílio que está levando a uma instituição de doentes com males crónicos que, lutando com falta de pessoal, aceitou a colaboração dos antigos escoteiros.

Os antigos escoteiros franceses da região da Alsácia adquiriram um terreno de 10 ha e nele instalaram um campo para escoteiros e guias, com duas casas de férias, oferecido não sòmente aos escoteiros e guias da região, mas aos escoteiros e guias de todo o mundo que ali queiram passar as férias. Dispõe ainda de um chalé para estadias de famílias, instalações facultadas também a jovens de outros movimentos.

Mais poderíamos relatar dos trabalhos promovidos por Fraternais de outros países, mas estes são suficientes para dar ideia do quadro em que se desenrola o nosso Movimento. Certamente, que não teremos imediatas possibilidades de realizar obras de grande vulto. No entanto, o sentido da acção da nossa Fraternal terá de ser este, a constante realização do ideal de **servir**. Não poderemos continuar a ser uma associação de meros «antigos», gente do passado, que passa o tempo a recordar o que fez, o que realizou, o que serviu, mas antes um Movimento firmemente disposto a realizar algo, por pouco que seja...

Por esta Angola tão grande

Continuação da pág. 2

ças a frequentar os batuques desde muito cedo; quando já podem andar, misturam-se com os adultos, treinando-se assim nas danças tribais.

A medida que vão crescendo, as raparigas acompanham quase sempre a mãe nos seus trabalhos agrícolas e caseiros, preparando-se desta maneira para a vida futura; os rapazes, desde que deixam de ser amamentados, pouco dependem dos pais, e começam a andar de Kwimbo em Kwimbo, aprendendo igualmente, e com extraordinária facilidade, os costumes da tribo; passam muitas vezes (e isso acontece também com as raparigas) longas épocas em casa dos tios maternos, a quem chamam mesmo por pai e mãe e que são de facto quem exerce a autoridade sobre eles, cuidando da alimentação e saúde dos sobrinhos, exigindo-lhes serviços, representando-os em juízo, pagando as suas multas, educando-os e negociando, inclusive, o seu casamento.

Os luenas não aplicam castigos corporais aos filhos, e as únicas sanções resumem-se em ralhos e insultos.

Do « Jornal da R M A »

Almirante Henrique Tenreiro

Como tributo à acção notável, exercida pelo sr. almirante Henrique Tenreiro, nos últimos 30 anos, como presidente da Junta Central das Casas dos Pescadores, em que levou a efeito uma obra assinalável, revelada na melhoria das condições de vida e da promoção social dos trabalhadores do mar. nos aspectos de previdência, ensino, formação profissional, recreio e habitação, o sr. ministro das Corporações, por despacho de 14 de Setembro findo, distinguiu aquele ilustre oficial com a medalha de ouro de mérito corporativo.

Congratulamo-nos com esta homenagem prestada ao sr. presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal pela actividade que tem desenvolvido em sectores ligados com a indústria de pesca.

XI Jambori do Ar — 1968

No próximo ano, o Jambori do Ar volta a realizar-se, como era habitual, num fim de semana de Outubro. A data escolhida é 19 e 20 de Outubro. Os organizadores asseguraram-se já de que não está prevista para essa data qualquer outra actividade importante de radioamadores.



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

Educação e Escotismo

(...) Já no século XVI, Comenius, o grande precursor da psicologia infantil, advertia: **Na educação infantil, as coisas mínimas não existem. Tudo é importante.** Na hora presente, a educação é um dos problemas de maior interesse, capaz de contribuir para a solução de quase todas as questões que afligem a humanidade, pois todas elas, no seu âmago, revelam uma grande crise, deficiência de educação dos povos. Já em 1918, Baden-Powell, passando em revista a desordem social em que a guerra deixava o mundo, afirmava com segurança: — **A educação — a do carácter sobretudo — surge como a chave do problema.** Hoje, como ontem, a situação é a mesma.

Em assunto de tão grande importância, as opiniões divergem quanto ao momento exacto em que a educação deve começar a exercer a sua influência no indivíduo. Julgava-se antigamente que **a educação principiava com a idade escolar;** afirmou-se depois que **devia começar no berço;** vieram mais tarde os cientistas dizer que **se iniciava no seio materno,** e **já hoje se declara,** com bastante propriedade, que **só educando os pais para a sua grande missão se poderá assegurar uma educação eficiente à criança.**

Ao Escotismo interessam os dois extremos. Toma conta da criança na idade em que ela entra verdadeiramente em contacto com a sociedade — a idade escolar —, acompanha-a até à adolescência, até à juventude, momento de constituir família. Portanto, se o papel do Escotismo pode ser importante na educação do filho, deve ser ainda de maior valor na orientação do escoteiro para a sua grande responsabilidade de pai, de chefe de família.

CRISE DA JUVENTUDE

Continuação da pág. 1

propriedade da classificação. Essencialmente, juventude é o momento da vida em que o indivíduo, depois de um período de observação introspectiva, em que fez a descoberta de si próprio — a adolescência — procura conhecer o mundo que o rodeia, liberta-se do «eu» e faz a descoberta do «outro». Encontrada a sociedade, o jovem pretende integrar-se nela, afirmar a sua personalidade, ganhar experiência, num esforço de adaptação e numa inquietude proveniente do choque com instituições que ignora. Esta é, portanto, uma idade de transição, de mudança, por conseguinte é sempre uma idade de crise. *Crise* é outra palavra usada com pouca propriedade. É que não tem significado acusar a juventude daquilo que é natural, forçoso, naquele período da vida humana.

DE QUE ACUSAMOS A JUVENTUDE?

O que os mais velhos estranham nos novos é, afinal, a forma irreverente e ostensivamente rebelde como essa crise se expressa na actualidade. Mas também aqui há necessidade de compreensão e de estabelecer distinções. Não podemos aprovar certas atitudes da juventude. É forçoso reconhecer que se verificam excessos condenáveis. Há, porém, outras manifestações, excêntricas talvez, mas absolutamente inocentes, que os de mais idade têm o dever de apreciar com benevolência. Isto não será difícil se puderem recordar-se de que na mocidade aderiram a extravagâncias semelhantes. Estão neste caso as modas, cujas fantasias são de todos os tempos. Como afirmam Maurice Pórot e Jean Seux (1) «cada geração de adolescentes crê inovar, e na realidade o que encontra são mais ou menos os comportamentos ultrapassados que os pais conheceram quando tinham a sua idade».

É ainda injustiça imperdoável generalizar conclusões e acusar toda a juventude pelos actos de alguns. É preciso reconhecer que tais desvarios provêm de minorias, que se tornam notadas pelo carácter insólito dos seus actos e pela demasiada publicidade que dos mesmo é feita pelos meios de informação. Se numa rua da cidade surge um rapaz ou uma rapariga de aspecto excêntrico, traje mal tratado, sujo, cabelos longos e em desalinho, todos o apontam como prova indiscutível da *crise da juventude*, mas ignoram as dezenas de outros jovens, limpos, aprumados, escorreitos, que nesse mesmo instante cruzam a rua e não se distinguem pelo bizarro.

Para que se possa fazer a devida justiça, convém também estabelecer distinção entre aquilo que realmente é desordem, rebeldia, e o natural exercício dos direitos humanos e afirmação de vontade, campo em que a juventude generosa se distinguiu em todas as épocas.

Quando pretendemos acusar a juventude, não podemos esquecer que a maioria dos novos cumpre rigorosamente os seus deveres, enche as Escolas e aplica-se nos estudos; investiga nos laboratórios; trabalha nas fábricas; atende-nos simpàticamente no comércio e nas repartições; serve no exército; respeita pais, mestres e autoridades, num espírito de ordem e disciplina digno dos maiores louvores. Sujeitos aos mesmos choques e dificuldades que os outros, eles reagem de maneira diferente e ganham direito a um lugar no mundo.

Prestada a devida justiça à maioria da gente nova, é mister que nos ocupemos agora dos outros, dessa minoria turbulenta e numerosa, que apresenta graves sintomas de anormalidade, de desequilíbrio emocional, evidenciando que a crise da juventude, essa crise imperiosa, se processa muitas vezes irregularmente. Devem, portanto, existir causas que originem tão frequentes anormalidades.

(1) «*Os Adolescentes na Sociedade Actual*». Edições «Livros do Brasil», Lisboa.

A seguir: **Causas da Anormalidade da Crise Juvenil.**

O inquérito de «Sempre Pronto» acerca da situação dos Escoteiros de Portugal

Continuação da pág. 1

mais fácil recrutar lobitos dispuríamos de 3 a 4 anos para arrumar, tratar e recrutar Chefes à altura de dirigir escoteiros, exploradores e até caminheiros. — A. G. I.

UM GRUPO DE ESCOTEIROS PILOTO *Criar em Lisboa um Grupo de Escoteiros modelo. O novo Grupo que se destinaria principalmente a filhos de antigos escoteiros, seria patrocinado pela Fraternal de Antigos Escoteiros de Portugal e dirigido tècnicamente pela Escola Central de Chefes. — A.*

«RECONSTRUIR» *Vamos esquecer o que se fez, o que se disse e o que se pensou; a partir de determinada altura somaram-se os erros, avançou-se num sentido por mais negativo, cavando e aprofundando a cada momento o abismo onde afundamos o Movimento. Salvemo-lo, porque o poderemos fazer.*

(...) Porque não reconstruir de novo? — M. L. L.

* * *

O que é preciso é encontrar HOMENS que, pela sua convicção e acção, saibam dar-lhe realidade objectiva, até para se não estagnar no morbidismo da inércia.

(...) A hora é de construir mesmo em cima de ruínas. — A. M. P.

* * *

Então, unamo-nos e prestemos aos dirigentes máximos da nossa Associação, colaboração eficaz, leal, apoio construtivo... trabalhando nos nossos grupos, como verdadeiros escoteiros. — J. L. M. T.

CAMINHEIROS *Que em cada Região se organize um único Clã de Caminheiros. Todos os Caminheiros da Região ingressariam num único Clã, que teria a dirigi-lo um Chefe de mais de 30 anos, com dois ajudantes mais jovens.*

Esse Clã seria constituído por diversas equipas, que estariam agregadas aos grupos, mas sob a chefia directa do Clã.

Cada equipa escolheria uma especialidade a que se dedicaria intensamente. Cada equipa praticaria um desporto. O Clã teria reuniões de natureza cultural. Pedir-se-ia a colaboração de antigos escoteiros e seriam realizados colóquios.

Um só Clã em cada Região, mas um Clã de alto nível Escoteiro. — A.

CHEFES *Acho que é imperiosa uma rigorosa selecção de Chefes, acabando de vez com os jovens sem qualidades educativas e de verdadeiros* leaders, *no que o termo tem de nobre e elevado, salvantes, evidentemente, as excepções por parte daqueles que já deram as suas provas de capacidade para as funções em que os investiram e, portanto, estão aptos a* to paddle his own canoe.

(...) Uma vez feita a selecção dos Chefes, deverá fazer-se a reorganização dos grupos de acordo com os novos princípios básicos do Movimento, lançando-se depois uma campanha, inteligentemente conduzida, com o objectivo de chamar de novo a atenção dos Portugueses para os fins do Escotismo, insistindo sobretudo no escopo a que ele visa e é o revigoramento físico e moral dos jovens. Quer dizer, há que começar de novo...

E por que não? — A. A. D.

Aqui temos um lote de sugestões! Não vão dizer-nos que nenhuma delas é exequível. Aguardemos a autorizada opinião da digna Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal.

A paz, vós o sabeis, não se constrói sòmente por meio da política e do equilíbrio das forças e dos interesses. Ela constrói-se com o espírito, as ideias, as obras da paz.

Paulo VI

O tempo não corre depressa quando o observamos. Sente-se vigiado. Mas tira partido das nossas distracções. Talvez haja mesmo dois tempos, o que observamos e o que nos transforma.

Alberto Camus

QUEM PAGA O PATO?

(PEÇA EM 2 ACTOS)

Pelo Rev. Eduardo Moreira

(*Continuação*)

2.º ACTO

CENÁRIO: Aposento de uma habitação de família.

Cena 1.ª

CARLOS: (o 1.º Estudante do acto anterior, passeia e fala consigo, em voz alta, com ar preocupado): Como foi possível eu esquecer os sãos princípios de honestidade em que fui educado neste lar, onde nasci e que tanto amo? Como terei cara de expor à minha querida mãe o que fiz, e os sentimentos que me assaltaram ao rever o procedimento que tive, com os meus colegas, no Restaurante do Silva? Os colegas fizeram o que eu lhe propus. A responsabilidade é minha — minha, só minha! (*gesticula*). Mas como emendar a minha falta? Como hei-de eu pagar o pato?

Cena 2.ª

MÃE DE CARLOS (*entrando*): Que é isso? Estás falando só, e com uma cara de desenterrado! Estás doente, Carlos?

CARLOS (*confuso e hesitante*): Não, minha mãe... sim, minha mãe. Estou, ou antes, não estou... É um desgosto, uma amargura... Olhe, minha mãe, é o arrependimento duma falta que desde ontem me traz assim. Não dormi, não tenho vontade de comer, nem cabeça para estudar...

MÃE: E não contas à tua mãe o que te aflige! Já não és o mesmo para mim, como eras quando criança? E já bem crescido, quando me davas a saber todos os teus pensamentos e me confessavas até as maldades, para ouvires os meus conselhos e censuras, ou para que eu te ajudasse a resolver as dificuldades que os maus passos trazem?

CARLOS: Creia que vim ter com a minha mãe para lhe contar a falta que cometi e tanto me pesa na consciência. Estava-me a custar, é o que é... O caso é o seguinte: habituado à ideia de que aos estudantes tudo se desculpa, sugeri a colegas meus uma aventura em que todos concordaram, de que resultou jantarmos num restaurante sem pagar, enganando um pobre criado ingénuo.

MÃE: O quê! Uma espécie de burla, uma fraude, um logro dum pobre trabalhador? Que tristeza!

CARLOS (*pesaroso*): Sim, minha mãe; que tristeza eu tenho na alma! Estou pagando bem caro o pato que comemos e não pagámos.

MÃE: Estás pagando, meu filho; acredito. Mas o dono da casa não está recebendo. Mas descansa: nós vamos resolver o caso: eu pago o pato!

Cena 3.ª — *Os mesmos e pai de Carlos.*

PAI (*entrando*): Que é isso, de «pagar o pato»? Temos festa? Ou trata-se de algum jogo novo?

MÃE: Nem jogo, nem festa. O Carlos já te explica.

CARLOS (*mais confuso, e falando a custo*): Sim, meu pai, eu explico. Cometi um grave erro, com colegas meus, comendo no Restaurante Silva um pato assado...

PAI (*sereno e compreensivo*): ...que não pagaram. E vieste pedir à tua mãe...

MÃE: Não. Carlos não me pediu nada. Narrou a história que o aflige, porque a consciência acordou. Eu é que o sosseguei e resolvi pagar o pato, com as minhas economias.

PAI (*enternecido*): Sempre o mesmo anjo do lar, a tua mãe, a nossa mãe. Pronta a aplanar as dificuldades, a sarar as feridas, a amparar nas quedas, a solver os problemas! Pois bem: visto que providencialmente apareci, tomem nota: eu é que pago o pato!

CARLOS (*solene*): Meus queridos pais, quero, primeiro que tudo, pedir que me perdoeis, aceitando a sinceridade do meu arrependimento. E quanto à última solução, que o pai traz, aceito-a e agradeço do fundo de alma a moratória. Quero dizer que meu pai pagará agora, como tão generosamente promete; porém eu, com o primeiro dinheiro que ganhar, dando explicações ou fazendo traduções, ou até a lavar copos no Restaurante Silva, se preciso for, hei-de pagar o pato!

PAI: Está bem, rapaz, pagas o pato. É uma forma briosa de te reabilitares perante a tua própria consciência. E quanto à lição recebida, já a tens pago com o desgosto sofrido. Porque as lições pagam-se, como se pagam os patos. Agora vós, mãe e filho (*volta-se para ambos, que se abraçam comovidos*) corações ao alto! Eu, por mim, estou contente, mesmo muito contente, porque o pato, se vos não deu má digestão, nos dá a todos uma bela lição!

(*Batem fortemente à porta. A mãe vai abrir; e entram de roldão todos os estudantes, conclamando juntos:*)

ESTUDANTES: Viemos aqui, Ex.mos senhores, para dizer que praticámos uma falta e todos queremos, reunindo as nossas fracas forças, porque todos fomos responsáveis, pagar o pato!

Cai o pano.

FILATELIA

O valor dos selos consoante o seu estado

Do «Jornal do Comércio» transcrevemos:

Todos sabem — e todos frequentemente esquecem — que os selos valem consoante o seu estado.

Nem todos, porém, concebem a dificuldade que existe em obter um selo usado verdadeiramente belo e que, por isso mesmo, valha integralmente a sua cotação. Os dados estatísticos que transcrevemos dum velho número do «Echo de la Timbrologie», de 1925, mostram com a irrefutável eloquência dos números, as dificuldades que se deparam para o encontro dum selo perfeito. Amplamente justificam as cotações dos exemplares verdadeiramente belos — que, na verdade em face dos números, são até ridiculamente modestas — e os descontos a fazer nos exemplares — que, na prática, pecam, talvez igualmente, pela sua modicidade.

* * *

«Frequentemente temos salientado que a exigência dos coleccionadores, quanto à beleza dos exemplares, não era estranha à alta do valor dos selos. A «Circulaire Philatelique» publica uma pequena estatística ilustrativa, a este respeito, sobre 100 000 selos de França, não denteados, de todos os valores de 1 c. até 1 franco.

Examinando esta qualidade de selos, não escolhidos prèviamente, o nosso colega encontrou:

39 exemplares extraordinários; 125 exemplares perfeitos; 1 980 exemplares bons; 97 856 exemplares defeituosos.

Damos a seguir as definições respectivas a esta classificação: o exemplar extraordinário revela-se imediatamente à vista do conhecedor, pela sua surpreendente frescura, sua inutilização ligeira e nítida, existência de todas as margens, que chegam a apanhar um pouco do quadro dos seus vizinhos dos quatro lados, e, às vezes, uma extremidade de folha.

O exemplar perfeito com quatro margens cuja amplitude sobrepassa um pouco a metade do espaço de separação dos selos vizinhos é fresco e ligeiramente obliterado. É o tipo do exemplar que se procura geralmente, mas que não se encontra com facilidade.

O exemplar bom tem, como margem, metade, ou menos, do espaço de separação dos quatro selos vizinhos; a obliteração não prejudica o desenho e o conjunto apresenta um estado de frescura que revela não ter o selo sofrido os defeitos de banhos prejudiciais.

Quanto aos defeituosos, compreendem-se desde os de margens curtas até aos de ínfima escolha, mais de metade dos quais se não pode vender nem sequer à quarta parte do seu valor de catálogo.

Depois disto não deve estranhar-se que os selos sejam caros».

(De «Portugal Filatélico»)

SEMPRE PRONTO

Número 271

Novembro de 1967

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Realizar e Reconstruir

Joel Ribeiro e M. G. dão-nos, no «Sempre Pronto» de Outubro, exemplos mais que suficientes para nos convencer de que só realizando e reconstruindo poderemos tornar o escotismo manancial donde todos possam retirar o preciso para a formação de um Mundo maior e melhor.

No entanto, a juventude, na sua maioria, vive alheia aos princípios escotistas, porque de certo modo importam afastamento de centros perniciosos a que se habituou, não porque repudie o bem, mas porque os adultos da nossa época raro dispensam à juventude o apoio de que necessita para fugir ao mal. Atravessamos um período deveras crítico para a formação da juventude que, aqui e ali, parece disposta a organizar-se para, através de temas relacionados com os problemas sociais dos nossos dias, se habituar a pensar sobre a melhor forma de agir.

Em Lagos, despertou um movimento que tende a desenvolver nos jovens sentimentos que sejam de molde a todos darem o que sabem e podem em prol do seu semelhante. Não tem carácter escotista, mas porque o consideramos nobre e altruísta e não foge aos princípios escotistas, acompanhamo-lo com entusiasmo e formulamos votos de que prossiga, contribuindo para que nas próximas gerações venha a verificar-se mais solidariedade no sentido de bem-fazer.

Joaquim de Sousa Piscarreta

N. da R. — *No artigo que publicámos no último número sob a epígrafe «A Mocidade Vive?», deste nosso prezado colaborador, pousou uma lamentável* gralha. *Assim, o período final do 5.º parágrafo deve ser lido da seguinte forma:* «Falar de sustar as liberdades que os pais concedem aos filhos, a ponto de raro se verem jovens de 16 anos, e até menos, que recolham a casa antes da meia-noite, é procedimento condenado» *e não* «... recolham a casa antes, é procedimento condenado», *como vem publicado.*

Tanto ao nosso estimado colaborador como a todos os leitores pedimos que relevem este lapso.

Elementos escotistas reunidos num almoço de confraternização

O antigo escoteiro-chefe do Grupo n.º 1, Sr. Ernesto de Sousa, quis reunir, num almoço de confraternização, um grupo de amigos para troca de impressões acerca dos problemas com que luta o movimento escotista actualmente.

Para o ágape, que foi servido num restaurante da Linha de Sintra, em 29 de Outubro p. p., dignou-se o antigo e ilustre dirigente escotista convidar os Srs. Humberto Martins, presidente da direcção da Fraternal, Eduardo Ribeiro, Capitolino Ferreira Macedo, Joel Ribeiro, Mariano Garcia e Luís Simões Aurélio, respectivamente director, administrador, director-adjunto, redactor e colaborador de «Sempre Pronto», e Rui Horácio Filipe de Macedo, representante da A E P no Jamboree Mundial recentemente realizado. Alguns dos presentes estavam acompanhados de suas esposas.

Durante o almoço, usaram da palavra o Sr. Ernesto de Sousa, que se referiu à necessidade de congregar os esforços dos elementos positivos da nossa Associação para desenvolver o nosso movimento, e ainda o nosso director, e os Srs. Luís Simões Aurélio e Humberto Martins.

Os convivas deslocaram-se, a seguir, à residência do Sr. Ernesto de Sousa, onde tiveram ensejo de admirar valiosas edições de livros e manuais escotistas e muitas recordações e documentos que testemunham um dos mais famosos períodos do escotismo em Portugal — aquele que se seguiu à fundação do Grupo n.º 1.

Depois de serem distinguidos com um bem servido copo-d'água, a reunião terminou no meio da maior satisfação por parte dos presentes pelo convívio espiritual que tiveram ensejo de gozar.

Acampamento comemorativo do 60.º aniversário da fundação do Escotismo

No magnífico cenário da Quinta da Fonteireira, em Belas, onde existe desde há algum tempo uma zona reservada aos escoteiros, graças à amabilidade e compreensão da distinta Família Pinto Basto, os escoteiros de alguns grupos de Lisboa realizaram, nos dias 26 e 27 de Agosto, um acampamento comemorativo do 60.º aniversário da fundação do Escotismo, no qual esteve também presente o grupo n.º 84 do Entroncamento, que se deslocou com quase totalidade do seu efectivo actual.

No acampamento, que foi dirigido pelo Chefe do Núcleo de Lisboa, estiveram presentes mais de meia centena de escoteiros representando os grupos n.ºs 1, 2, 5, 7, 79, 84, 85 e 93.

Foram montados serviços de primeiros socorros e de comunicações com postos emissores-receptores de rádio.

Visitou o acampamento o sr. Eng.º Nobre Santos, chefe-geral adjunto; bem como o sr. Humberto Martins, presidente da Direcção da Fraternal.

M. G.

(Atrasado na Redacção por falta de espaço).

III Poemeto filatélico

(diante do selo comemorativo da Ponte Salazar)

Nesta formosa baía,
Madrinha das aventuras
De intrépidas criaturas
Devassadoras dos mares,
Uma ponte — quem diria! —
Se lançou, vencendo a inércia,
A dúvida, ou a solércia
De centenas de milhares.
Seja a vitória dum sonho
Esta portentosa ponte,
Para um futuro risonho
Que desde agora desponte.

EDUARDO MOREIRA

Os escoteiros radioamadores vão ter outra actividade

«SCOUT QSN PARTY» — 9/10 de Dezembro de 1967

Atendendo a que há um longo intervalo entre o X e o XI Jamboris do Ar, Ed. Gribi (WB61ZF) organiza, de colaboração com Les Mitchell (G3BHK), um «Scout QSO Party» marcado para o fim de semana de 9 e 10 de Dezembro próximo. Será, como diz Les, um fim de semana «no effort» (descontraído) para os escoteiros amadores de rádio e os restantes interessados — querendo significar com isto que os participantes operarão da sua residência, sem solicitarem necessàriamente a presença dos escoteiros a seu lado. Todas as informações são dadas mais adiante. Lembra-se que esta actividade não é oficial, não sendo, portanto, distribuído qualquer relatório nem passado qualquer certificado de participação.

Objectivo: — Permitir aos escoteiros e chefes redioamadores e aos interessados reunirem-se para realizar os objectivos do Escotismo e colocar o radioamadorismo ao serviço do Escotismo.

Método: — Chamar os «Escoteiros C Q» nas frequências que a seguir se indicam, reunindo-se em Q S O e mesas redondas através de cidades e continentes.

Deverão realizar-se de preferência conversações pausadas em vez de contactos apressados.

Frequências sugeridas:

Fonia — 3950, 7290, 14,290, 21,290 e 28,990. CW — 3696, 7145, 14,095, 21,095 e 28,495.

Estas são as zonas à volta das quais se poderá operar e estabelecer os contactos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura